

7º encontro

23 e 24 de
novembro 2023

ateliê montaigne brasil



23/11/23 -14h às 18h

Telma Birchal (UFMG)

"Quando a destinatária dos Ensaios é uma mulher"

Sérgio Xavier (UNIFESP)

Moral da consciência e prudentia em Montaigne: um retrato do 'gentilhomme'

Mediação: Cristina Theobaldo (UFMT)

24/11/23 -14h às 18h

Alexandrino de Souza Filho (UFPB)

Realismo político em Montaigne: três casos que podem eventualmente ajudar a entender o silêncio do ensaísta relativamente à Noite de São Bartolomeu

Natan Morador (USP)

As relações entre moral e política no Da presunção (II, 17)

Mediação: Sérgio Cardoso (USP)

Link da sala:

<https://meet.google.com/ibc-viyq-hnp>

7º ENCONTRO ATELIÊ MONTAIGNE
Montaigne Político
23 e 24 de novembro 2023
Online: <https://meet.google.com/ibc-vivq-hnp>

Mesa do dia 23/11 - 14h às 18h
Mediação: Cristina Theobaldo (UFMT)

Quando o leitor dos Ensaios é uma leitora

Telma Birchal (UFM)

Que o pequeno universo de leitores aos quais Montaigne dirige seu livro inclui as mulheres é um fato indiscutível, ressaltado pela dedicatória de quatro capítulos do livro a damas da alta corte francesa. Não obstante, muito resta ainda dizer sobre essas mulheres – no sentido das “imagens” que Montaigne nos oferece, aqui e ali, das suas leitoras, e este será um dos momentos do artigo. Em outro momento, perguntamos sobre as inflexões do discurso do autor quando ele se dirige especialmente a elas. De modo mais específico, retomamos aqui a interpretação de Philippe Desan, o qual afirma que os Ensaios se dirigem ao “homem comum”, ou “homem médio”, pensado como um tipo ideal distinto do erudito ou especialista (*savant*). Nossa questão, então, se formula da seguinte forma: estariam as mulheres leitoras contempladas por esta figura do “homem comum”? Apresentaremos alguns argumentos que contribuem para uma resposta negativa a esta questão, mostrando que o lugar conferido às “damas” como leitoras dos Ensaios é, de um lado, equívoco, e de outro, limitado.

Moral da consciência e *prudentia* em Montaigne: um retrato do *gentilhomme*

Sergio Araujo (UNIFESP)

Como atenta Philipe Desan entre outros estudiosos importantes como Jean Balsamo e Francis Goyet, a maneira franca e privada de Montaigne, longe de exprimir uma sorte de natureza universal do “moi”, liga-se ao *ethos* do *gentilhomme* deliberadamente construído. Sua marca de nobreza reside não no valor militar, mas nas qualidades do *jugement*, que o tornam digno de importantes missões políticas. A designação do “moi” como “forma” sólida, coerente consigo mesma, na conduta pública e privada, é elemento decisivo na constituição deste *ethos* de nobre mediano detentor de *prudentia*, sobretudo, nos primeiros capítulos do livro III, incorporando os ensinamentos de Sêneca e evocando a noção aristotélica da virtude como *hexis* ou *habitus*. Montaigne defende com tanto mais veemência a adesão refletida à sua “forma” como modelo de virtude reagindo às tendências características de seu “siècle si gasté” à permanente e doentia contradição entre as disposições internas e os atos; entre aparência e essência; entre a consciência e os desejos, contaminando a vida política sob o influxo do maquiavelismo bem como a devoção cristã sob a égide do ortodoxismo tridentino.

Realismo político em Montaigne: três casos que podem eventualmente ajudar a entender o silêncio do ensaísta relativamente à Noite de São Bartolomeu

José Alexandrino de Souza Filho (UFPB)

Tendo vivido num período particularmente tumultuado da história da França, Montaigne não disse palavra sobre o episódio mais sombrio das chamadas Guerras de Religião (1562-1598), isto é, a Noite de São Bartolomeu, acontecida em Paris em 24 de agosto de 1572, bem como sua repercussão, em menores proporções, em outras cidades, inclusive Bordeaux, entre os dias 3 e 5 de outubro do mesmo ano, o que não deixou de provocar certo desconforto em vários especialistas e biógrafos (De Faytaud, Bourgeon, Nakam, Crouzet, Lacouture etc.). Uma vez que ele não fez nenhum comentário explícito sobre esse trágico episódio, não é logicamente possível formular um julgamento sobre a opinião do autor. Mas a questão importa, tendo em vista a importância e a gravidade do assunto. Nesse sentido, parece-nos viável tentar aprofundar a reflexão em torno desse polêmico silêncio, lançando mão de uma espécie de método que poderíamos talvez chamar de indireto, o qual consiste em investigar a maneira como Montaigne se posiciona publicamente, no âmbito dos Ensaios, com relação a alguns personagens do seu tempo, como Etienne de La Boétie, Michel de L'Hospital e Catarina de Médici, a fim de colher alguns dados suscetíveis de nutrir a reflexão e que talvez possam ajudar a melhor entender o posicionamento do nosso escritor e filósofo. Em comum, parece haver certa ambiguidade entre a maneira como Montaigne representou literariamente tais personagens e determinados indícios que parecem apontar em outra direção, sugerindo o exercício de certo realismo político, fruto da prudência e da moderação, características do modus operandi do escritor, como se sabe. Vale dizer que nossa abordagem é ensaística, experimental, exploratória, voluntariamente não conclusiva. Apenas gostaríamos de compartilhar com os colegas montaignistas algumas questões que nos parecem interessantes e "boas para pensar". O objetivo é antes levantar a questão e abrir o debate.

As relações entre moral e política no *Da presunção* (II, 17)

Natan Morador (USP)

O ensaio II,17, *Da presunção*, tem por tema central a presunção como um erro de juízo. Mas o que gostaríamos de destacar deste capítulo é justamente o aspecto político. O capítulo nos apresenta um quadro geral de muitas das questões políticas que serão desenvolvidas no Livro III de *Os Ensaios*. Dentre elas, encontra-se um esboço da reflexão sobre as relações entre útil e honesto, ou seja, entre política e moral. Tendo como pano de fundo o debate entre maquiavelistas e anti-maquiavelistas, Montaigne distancia-se do lugar comum desses discursos, para pensar uma fundamentação para o político considerando a inflexão operada pelo próprio realismo político de Maquiavel. Neste sentido, ao fazer um juízo sobre si mesmo, o ensaísta nos apresenta as qualidades políticas que ele julga como próprias à nobreza e indica também as qualidades próprias ao governante. Assim, o que parece uma defesa intransigente da honestidade como critério para as práticas políticas, ou mesmo um "realismo do bem", ou um Anti-Maquiavel, pode ser considerado como um esforço de Montaigne em propor um fundamento para o político que se desvinculasse do ideal utópico dos antigos (*império do honestum*) e da banalização dos expedientes defendidos pelo maquiavelismo (o *império do util*).